

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CLIMÁTICA POR MEIO DAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO:
APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO OBSERVATÓRIO DOS EVENTOS
CLIMÁTICOS DO RIO GRANDE DO SUL (OBEC-RS)**

Lucas George Wendt¹

Letícia Turcato Heinzelmann²

Jeniffer Cuty³

Introdução

As Tecnologias de Informação, Documentação e Comunicação (TIDICs) têm assumido um papel estratégico na preservação e na ressignificação da memória em museus e em outros espaços dedicados à mediação cultural. Diante das transformações provocadas pela emergência climática global, esses instrumentos tecnológicos ultrapassam sua função tradicional de organizar e disponibilizar acervos, tornando-se ferramentas capazes de promover a integração de saberes e a construção de narrativas coletivas sobre os impactos ambientais e sociais de eventos extremos.

O problema que orienta este estudo está relacionado à ausência de sistemas integrados que facilitem a construção de memória em torno dos eventos climáticos e à

¹ Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2024). Mestrando em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGMusPa da UFRGS. Especialista em Comunicação Institucional pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul - Fadergs (2021). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (2021). Bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari - Univates (2017). Acadêmico de Arquivologia no Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi).

² Jornalista formada pela PUCRS, bacharela em Museologia pela UFRGS e mestranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS).

³ Professora Associada da UFRGS, atuando no Curso de Museologia. Arquiteta e urbanista, mestra e doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS. Especialista em Direitos Humanos pela PUCRS. Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS.

dispersão de registros, com foco particular no Rio Grande do Sul, o que entende-se que fragiliza a continuidade e a compreensão histórica desses fenômenos no contexto regional. Justifica-se, portanto, a necessidade de desenvolver metodologias interdisciplinares que articulem memória, ciência, história e sociedade, de modo a fortalecer a memória climática como instrumento de cidadania e de planejamento para o futuro.

O objetivo central deste trabalho é analisar o papel das TIDICs na constituição do Observatório dos Eventos Climáticos no Rio Grande do Sul (OBEC-RS), compreendendo como essa iniciativa contribui para a construção de um banco de dados digital, acessível e georreferenciado, voltado à documentação, preservação e mediação da memória climática do Estado.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória de natureza compreensiva e interpretativa, específica para investigar os significados, as práticas e as representações associadas ao papel potencial das Tecnologias de Informação, Documentação e Comunicação (TIDICs) na construção da memória coletiva sobre eventos climáticos no Rio Grande do Sul. O foco da investigação é interpretativo.

A pesquisa se estruturou a partir de uma revisão teórica e contextualização inicial do projeto, voltada à identificação de conceitos e debates que fundamentam a relação entre Memória e Tecnologia, etapa que envolveu o levantamento de referenciais nos campos da Ciência da Informação, Museologia e estudos da Memória, com ênfase em autores que discutem as dimensões digitais e coletivas da lembrança (Halbwachs, 2006; Le Goff, 1990; Mangan, 2010).

A partir desse embasamento teórico, a proposta do OBEC-RS foi enquadrada como um dispositivo sociotécnico de memória, articulando práticas informacionais,

científicas e comunicacionais. A interpretação dos resultados foi conduzida de forma contextual e relacional, articulando os dados empíricos com o referencial teórico.

As enchentes e a produção de memória

O que motiva a proposta do OBEC-RS são os dois eventos naturais que atingiram o Rio Grande do Sul, inicialmente entre setembro e novembro de 2023, com maior impacto no Vale do Taquari, e novamente entre abril e maio de 2024, de forma mais ampla em todo o estado. São situações que evidenciam a necessidade de um trabalho de memória. O Rio Grande do Sul é uma região de alta vulnerabilidade, caracterizada por uma geografia complexa e diversificada, cuja posição estratégica contribui para grande variabilidade meteorológica e a ocorrência de eventos extremos de elevada magnitude. A intensificação e a frequência crescente desses eventos, como o Furacão Catarina em 2004 e as enchentes recordes de maio de 2024, que afetaram mais de 2,3 milhões de pessoas e geraram prejuízos superiores a R\$ 20 bilhões, evidenciam a necessidade urgente de compreender de forma científica o histórico dessas ocorrências.

As enchentes e os deslizamentos de terra entre os anos de 2024 e 2025, responsáveis por mais de 200 mortes e por uma devastação de dimensões incalculáveis, demonstram a urgência de se desenvolver dispositivos de memória vinculados capazes de auxiliar as populações atingidas a recordar, elaborar e ressignificar as experiências traumáticas associadas a esses eventos (Wendt, Cuty, 2024). A partir disso, surgiram questões a um grupo de investigadores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): e os eventos anteriores, como são lembrados? E os eventos futuros, como serão?.

O estudo da memória, enquanto campo de investigação, é marcado por sua natureza transdisciplinar, o que possibilita a interlocução entre diversas áreas do conhecimento, da Psicologia às Ciências da Informação, da História à Museologia. Conforme argumentam Dodebei e Gouveia (2006), as primeiras investigações sobre o

fenômeno da lembrança e do esquecimento remontam ao século XIX, quando a memória, enquanto substantivo, começou a ser analisada sob um viés cientificista, fortemente influenciado pela Psicologia e pelas Ciências Naturais. Naquele contexto, a preocupação residia em compreender os mecanismos que permitem ao ser humano lembrar ou esquecer, um questionamento que, segundo a autora, continua a mobilizar a contemporaneidade. Assim, os dispositivos de memória, sejam biológicos, culturais ou tecnológicos, constituem um elo entre o funcionamento da mente e os modos sociais e materiais de registrar e fazer circular experiências.

A partir dessa perspectiva, a memória pode ser entendida como uma forma de conservação e atualização de informações, tal como propõe Le Goff (1990). Para o autor, ela corresponde a um conjunto de funções psíquicas que tornam possível a recuperação de impressões e informações passadas, permitindo ao indivíduo e aos grupos atualizarem experiências e darem continuidade à construção do tempo vivido. O processo não se limita ao âmbito psicológico, estendendo-se às práticas culturais e informacionais, nas quais a conservação de dados e registros adquire um valor simbólico e social. No contexto contemporâneo, a memória também se manifesta nas ecologias informacionais complexas, espaços dinâmicos e interconectados em que a informação circula de forma pervasiva, alcançando diferentes suportes, dispositivos e canais digitais (Oliveira, Oliveira, Silva, 2015), condição que amplia o alcance da memória e multiplica os modos de acesso, mas também impõe novos desafios à preservação, à curadoria e à interpretação dos dados.

Sob outro enfoque, Oliveira e Azevedo Netto (2007) destacam que as experiências vividas, sejam do passado remoto ou recente, são seletivamente preservadas e transformadas em materiais memorialísticos que estabelecem vínculos entre passado e presente, projetando sentidos para o futuro. O ciberespaço, nesse sentido, funciona como uma extensão dos lugares tradicionais da memória, permitindo que os rastros informacionais se tornem parte de um vasto patrimônio digital compartilhado.

Complementarmente, Halbwachs (2006) enfatiza o caráter social da memória, argumentando que, embora cada indivíduo possua lembranças pessoais, sua constituição é sempre mediada pelos grupos aos quais pertence. A memória, portanto, é construção coletiva sustentada por códigos culturais, práticas sociais e dispositivos materiais de registro, sendo essa uma visão que amplia a compreensão da memória como um processo que articula dimensões individuais e coletivas, analógicas e digitais, biológicas e técnicas.

Assim, o movimento da memória também é circunscrito ao ambiente digital. Percebe-se que a emergência das tecnologias digitais trouxe transformações na maneira como a memória é concebida, armazenada e compartilhada. O ambiente informacional contemporâneo desloca a memória do domínio restrito do arquivo físico para uma dimensão comunicativa e interativa, em que lembrar e compartilhar torna-se um ato de mediação. Nesse contexto, Mangan (2010) propõe uma distinção entre memória digital e memória virtual, afirmando que a primeira constitui a infraestrutura material que possibilita a segunda, mas que apenas a virtualização confere ao registro um sentido social. Um arquivo digitalizado, por si só, não representa uma memória viva, ele precisa ser comunicado, reinterpretado e reinscrito coletivamente para se tornar parte da experiência social, ou seja, precisa circular e fazer sentido para os outros sujeitos. É nesse movimento de passagem do privado ao público, do individual ao coletivo, que as iniciativas digitais ganham densidade simbólica e se transformam em registro de memória(s).

Mangan (2010) enfatiza que esse processo de virtualização da memória está intrinsecamente ligado à comunicação, pois é através da circulação e da reapropriação pública dos conteúdos que a informação se torna memória compartilhada. Quando um documento ou um registro de memória é disponibilizado em rede e se torna acessível a múltiplos sujeitos, ele adquire novas camadas de sentido, abrindo-se à reescrita, ao comentário e à interpretação. Assim, a virtualização deixa de ser questão técnica e se torna um fenômeno cultural que reflete a capacidade da sociedade de produzir e de

ressignificar coletivamente suas lembranças. A expansão do acesso, mediada pelas TIDICs, amplia a escala da memória, permitindo que o testemunho de um indivíduo possa ser consultado, reinterpretado e incorporado por pessoas situadas em diferentes lugares do mundo.

Essa multiplicação de acessos e sentidos dá origem ao que Mangan (2010) denomina espaços virtuais de memória, ambientes construídos no ciberespaço que, embora intangíveis, são sustentados por conteúdos e sujeitos reais. Nesses espaços, a memória digital se converte em memória social, pois a interação entre os usuários promove um processo contínuo de atualização das lembranças, servindo como repositórios de experiências, nos quais as fronteiras entre o online e o offline se tornam porosas, e o passado é reativado pela mediação tecnológica.

Morigi e Massoni (2014) reforçam essa perspectiva ao apontar que a virtualização da memória cria novas formas de presença e de experiência, permitindo que o sujeito vivencie o passado de maneira sensorial e imersiva, ainda que mediada por dispositivos tecnológicos. O virtual, nesse sentido, implica em representação, mas em um modo de existência ampliada do real. Roxo (2011) segue na mesma direção ao considerar que a memória virtualizada se manifesta como uma extensão da experiência humana, exteriorizando lembranças e significados por meio das interfaces digitais. Ela se configura como uma forma de experimentar o mundo real por intermédio do virtual midiático e tecnológico, um espaço de projeção simbólica em que o passado se torna navegável e o presente se torna registrável.

A convergência dessas concepções permite compreender que as Tecnologias de Informação, Documentação e Comunicação instituem novas ecologias da lembrança (Oliveria, Oliveira, Silva, 2015), nas quais o ato de lembrar se torna uma prática social mediada por redes, plataformas e bancos de dados. O Observatório dos Eventos Climáticos no Rio Grande do Sul (OBEC-RS), projeto que apresentamos neste texto, exemplifica esse potencial, buscando dar novo sentido a registros históricos, científicos e jornalísticos, em um acervo digital interativo. No momento em que esses registros são

comunicados e reinterpretados coletivamente, deixam de ser unidades de dados sobre o passado para se tornarem (potencialmente) memórias virtualizadas, entendidas como vivas, acessíveis e socialmente significantes. Desse modo, as TIDICs assumem um papel de mediação, convertendo dados em informação e esta última em memória, fortalecendo o elo entre ciência, cultura e cidadania.

A memória climática, enquanto um tema subjacente às relações humanas com o clima e o ambiente, tem recebido uma atenção maior recentemente, tanto na discussão pública quanto no debate científico. Ainda são poucos os estudos que tangenciam o tema, ou seja, ele é uma discussão incipiente. Localizamos trabalhos que empregam o conceito, a exemplo de Muniz e Costa (2024); Joerss *et al.* (2024); Matias (2023); Silva *et al.* (2022); e Barros (2012), porém sem uma proposta explícita de conceituação, o que se faz necessário para a sequência desta argumentação proposta em torno do OBEC-RS. Sendo assim, apresenta-se uma ideia para discussão da comunidade de pesquisadores dos Estudos de Memória em torno do que pode ser compreendido como “memória climática”.

À luz das teorias da memória, especialmente as contribuições de autores como Halbwachs (2006), Nora (1993) e Ricoeur (2007), o conceito de memória climática pode ser compreendido como o conjunto de lembranças, narrativas, registros e práticas sociais que se articulam em torno da experiência humana dos eventos e transformações ambientais e climáticas, operando tanto como um dispositivo simbólico de reconhecimento do passado quanto como uma ferramenta ética e política de projeção de futuros possíveis.

A memória climática é, portanto, uma forma de memória coletiva situada na interseção entre a experiência sensível do ambiente e as mediações tecnológicas, institucionais e discursivas que dão forma a essa experiência. A memória climática ultrapassa a dimensão memorialística tradicional contendo em sua expressão um forte componente político, assim como pedagógico, no qual lembrar é uma forma de agir sobre o presente e de disputar narrativas sobre o que deve ser lembrado e o que não

pode mais ser esquecido. Em síntese, memória climática trata-se de processo coletivo, simbólico e mediado de reconstrução das experiências humanas com o clima e suas variações, no qual lembrar tem impacto na construção de futuros mais conscientes das interdependências entre sociedade e ambiente.

Resultados

É este contexto que nos permite situar o Observatório dos Eventos Climáticos no Rio Grande do Sul (OBEC-RS), concebido como um potencial instrumento de pesquisa, memória e conscientização, voltado para a sistematização de informações históricas e contemporâneas sobre eventos climáticos extremos no estado, com o objetivo de fornecer subsídios para a construção de estratégias de memória e resiliência climática. O objetivo geral do OBEC-RS é criar um observatório digital interdisciplinar capaz de reunir, sistematizar e divulgar informações memorialísticas, históricas, científicas e jornalísticas sobre eventos climáticos extremos no estado.

O projeto é idealizado em forma de proposta pelos pesquisadores envolvidos, profissionais das áreas de Museologia, Patrimônio, Memória, História, Jornalismo e Ciências da Informação, sendo que foram feitos os movimentos elementares em torno de uma articulação a ser expandida futuramente. Ainda que não tenha sido posta em prática, as discussões permitiram a maturação das ideias em torno da temática, de forma que, à sequência, apresenta-se o que foi possível alcançar.

A iniciativa busca preencher uma lacuna existente, uma vez que a dispersão de dados em diferentes instituições e arquivos dificulta a análise de padrões temporais e espaciais. Além disso, há que se considerar que muitos dados não associados à internet estão inacessíveis à maior parte das pessoas. Entende-se que, ao constituir um banco integrado, inédito, acessível e gratuito, o projeto fortalecerá a memória social e coletiva, ao mesmo tempo em que contribuirá para a educação ambiental e cidadã.

Baseia-se em uma abordagem interdisciplinar que integra métodos das Ciências da Informação, História, Geografia e Estudos Ambientais, adotando princípios da memória social e coletiva, da história ambiental e da resiliência climática. Entre os componentes centrais do OBEC-RS, inicialmente, destacam-se o levantamento e a sistematização de dados e a criação de um banco de dados online. No levantamento, serão identificadas e catalogadas fontes documentais, jornalísticas, institucionais sobre eventos climáticos extremos no estado, abrangendo desde o século XIX.

Os dados serão organizados cronologicamente, primeiro num recorte de 1940 até o presente, com classificação dos eventos por tipo de fenômeno, região geográfica e magnitude de impacto. No âmbito tecnológico, será desenvolvida uma plataforma web responsiva, com interface intuitiva, ferramentas de busca e visualizações interativas, incluindo mapas, gráficos e linhas temporais.

Em um planejamento inicial, a execução do projeto está planejada para três anos. No primeiro ano, ocorrerá a estruturação da equipe, definição de metodologias, desenvolvimento da arquitetura do banco de dados e levantamento dos eventos históricos até 1940. O segundo ano será dedicado à sistematização dos eventos dos séculos XX e XXI, implementação das funcionalidades de mapeamento interativo, coleta de depoimentos orais e lançamento da versão beta para usuários especializados.

No terceiro ano, haverá o lançamento oficial do Observatório, atualização contínua do banco de dados, início das publicações científicas, desenvolvimento de um aplicativo móvel e planejamento da sustentabilidade do projeto. Espera-se, ao final do desenvolvimento do OBEC-RS, a disponibilização de uma plataforma digital funcional, contendo um banco de dados abrangendo um volume considerável de eventos climáticos históricos que marcaram as pessoas e, dessa forma, o Estado. O Observatório está alinhado com diretrizes internacionais para adaptação climática, como o ODS 13, que visa a tomar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e seus impactos.

Considerações finais

O problema que orientou este estudo foi a ausência de dispositivos de memória e a dispersão de registros sobre eventos climáticos no Rio Grande do Sul, o que fragiliza a continuidade e a compreensão histórica desses fenômenos. Esta necessidade de um trabalho de memória foi evidenciada pela alta vulnerabilidade do RS e pela intensificação de eventos extremos, como as enchentes recordes entre 2024 e 2025, responsáveis por uma devastação sem precedentes.

Diante desse cenário, o objetivo central do trabalho foi analisar o papel das Tecnologias de Informação, Documentação e Comunicação (TIDICs) na constituição do Observatório dos Eventos Climáticos no Rio Grande do Sul (OBEC-RS). A proposta do OBEC-RS foi enquadrada teoricamente como um dispositivo sociotécnico de memória, articulando práticas informacionais, científicas e comunicacionais.

Os resultados demonstram que as TIDICs são fundamentais para a preservação e a reinterpretação da memória climática, especialmente no contexto de emergência ambiental. As tecnologias assumem um papel de mediação, convertendo dados em informação e, posteriormente, em memória, fortalecendo o elo entre ciência, cultura e cidadania. O conceito de memória climática foi definido como um processo coletivo, simbólico e mediado, de reconstrução das experiências humanas com o clima e suas variações, no qual lembrar tem impacto na construção de futuros mais conscientes.

Essa memória opera como uma ferramenta ética e política para a projeção de futuros possíveis. A proposta do OBEC-RS, idealizada por pesquisadores de diversas áreas, representa uma inovação na interseção entre memória, tecnologia e sociedade. Busca preencher uma lacuna ao sistematizar e reunir informações antes dispersas em diferentes instituições e suportes.

Em sua função, o OBEC-RS se aproxima das práticas museológicas ao operar a musealização da experiência climática, conferindo valor patrimonial e simbólico aos registros do passado. A análise indica que o observatório atua não apenas como um repositório de dados, mas como um espaço de construção de sentidos, onde o passado é continuamente revisitado para orientar ações no presente e no futuro. Conclui-se que o

fortalecimento de iniciativas como o OBEC-RS contribui para a consolidação de políticas de memória e para o desenvolvimento de estratégias de resiliência diante das mudanças climáticas. As TIDICs são importantes na produção, circulação e salvaguarda dos registros na memória contemporânea, reconfigurando os modos de representação do passado e de construção do futuro.

O desenvolvimento do projeto, algo em vista para o médio prazo, aponta para novas possibilidades na integração entre memória, tecnologia e cidadania. Sendo assim, o OBEC-RS configura-se como um recurso estratégico para a sociedade. O horizonte prospectivo do projeto aponta também para o fortalecimento de uma memória climática coletiva e ética, capaz de orientar decisões e práticas sustentáveis em diferentes escalas.

Sua consolidação tende a fomentar redes de colaboração interdisciplinar, unindo instituições de pesquisa, escolas, governos e sociedade civil na construção de estratégias de resiliência mais robustas e contextualizadas. Em longo prazo, o observatório tem o potencial de servir como modelo para outras regiões do país, contribuindo para a institucionalização de práticas de preservação, registro e análise de eventos climáticos, ao mesmo tempo em que promove a transformação do conhecimento histórico em ferramentas de ação e prevenção frente às mudanças climáticas.

Referências

BARROS, Juliana Ramalho. A percepção ambiental dos quilombolas kalunga do engenho e do vão de almas acerca do clima e do uso da água. *Ateliê Geográfico*, v. 6, n. 4, p. 216-236, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/21980>. Acesso em: 25 out. 2025.

DODEBEI, Vera; Ines, GOUVEIA. Contribuição das teorias da memória para o estudo do patrimônio na web. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, VII, 2006, Marília, Anais... Marília: Unesp, 2006. p. 1 –10

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: SP, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JOERSS, Ole Leonhard *et al.* APROXIMANDO A ESTRATÉGIA “ADAPTAÇÃO BASEADA NA COMUNIDADE” ÀS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO: ESTUDO DE CASO SOBRE A MARÉ. **Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (SBGFA) 2024**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xx-sbgfa---simposio-brasileiro-de-geografia-fisica-aplicada--iv-elaagfa---encontro-luso-afro-americano-de-geografia-fisica-e-ambiente>. Acesso em: 25 out. 2025.

MANGAN, Patricia Kayser Vargas. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos; LOPES, Cícero Galeno; BERND, Zilá (Org.). **Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010.

MATIAS, Ana Rita Torres Gonçalves. **Alterações climáticas e desigualdades sociais no Alentejo: narrativas, representações e práticas sobre a seca e a água**. 2023. Tese de Doutorado. Doutoramento em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável, especialidade em Sociologia. Universidade de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/926c6310-2859-4243-a420-3c4608d03250/full>. Acesso em: 25 out. 2025.

MORIGI, Valdir Jose; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Imaginários urbanos em rede: memória virtual no Flickr. **XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação : além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação**, p. 4705, 2014. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/830/1/GT10AnaisXV.pdf#page=32>. Acesso em: 25 out. 2025.

MUNIZ, Evânia de Paula; COSTA, Carlos Eduardo Félix da. A periferia propõe: memória climática como proposta para os desafios ambientais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 5, p. e73499-e73499, 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/73499>. Acesso em: 25 out. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>. Acesso em: 25 out. 2025.

OLIVEIRA, Bernardina Maria J. Freire de; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione (Orgs). **Cultura Popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007. p. 27-51.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; SILVA, José Marcos Dias da. Memória, memória eletrônica e memória digital nas ecologias informacionais complexas. **Revista InterScientia**, v. 3, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/9>. Acesso em: 25 out. 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROXO, Lucas Costa. Memória e imaginação: o passado e o futuro convergindo em imagem. In: BERND, Zilá; SANTOS, Nádia Maria Weber (Org.). **Bens culturais: temas contemporâneos**. Porto Alegre: Movimento, 2011. P. 34-56.

SILVA, Liliane Flávia Guimarães da *et al.* Uma abordagem fenomenológica sobre o clima e o conforto térmico em Palmas, Tocantins, Brasil. *Revista Brasileira de Climatologia*, v. 30, p. 730-752, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/rbclima/article/view/15170>. Acesso em: 25 out. 2025.

WENDT, Lucas George; CUTY, Jeniffer. Desastres naturais, emergência climática e memória. **Jornal da Universidade**, 24 maio 2024, n. extra, 2024. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://lume.ufrgs.br/handle/10183/279737&ved=2ahUKewj18Orp77-QAxXdCbKGHZ0TC7sQFn_oECBcQAO&usq=AOvVaw0NbcWwkdNkY87nTDRiRodU. Acesso em: 25 out. 2025.